

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Episódio 6

Ideias derrubam velhos valores

11/05/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

A música de abertura, “Quem canta” de Danú e Tatá, é uma música alegre, estilo samba MPB e com som dedilhado de instrumentos de corda com percussão. Começa com volume alto acompanha como pano fundo todo o bloco de Abertura.

Soraya: Oi pessoal, eu sou a Soraya Fleischer e estou aqui, com minha amiga, Daniela Manica, com mais um episódio do nosso podcast de Antropologia, o Mundaréu.

Daniela: O Mundaréu é uma iniciativa do LABJOR da Unicamp e do Departamento de Antropologia da UnB e tem o objetivo a divulgação científica dos resultados de trabalho de antropólogas e antropólogos. Hoje, vamos conhecer a parceria entre Taniele Rui, uma antropóloga e professora da Unicamp, e o Henrique Gomes, uma liderança comunitária importante do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Ele trabalha na ONG Redes da Maré e também tem participado com a Taniele de uma pesquisa sobre o consumo de crack ali no bairro.

Soraya: Esse episódio foi gravado de modo diferente. Pela primeira vez, deixamos Campinas e fomos até o Rio de Janeiro encontrar o Henrique e a Taniele. E no início do mês de março de 2020, gravamos no Estúdio Rastro, ali no bairro de Ipanema. Mas, por conta, da pandemia do Covid-19, não pudemos fazer a segunda parte da edição, que é quando nos reencontramos para terminar de gravar o episódio. **[Fim da música]** Portanto, fizemos essa parte à distância, fora de estúdio e gravando em casa.

BLOCO 1: Apresentando a Maré, o Henrique, a Tani e o crack

A música de transição para o Bloco 1, “Inventado” da banda Canto Cego, é um dedilhado de guitarras, som de notas grave e uma recitada por uma voz feminina com a letra:

*Através dos dias intranquilos de sonhos
reinventamos alguma força, balançamos
escalando um espaço dentro dos olhares perdidos
É como querer acender velas em um deserto de ventos
só que no fósforo, o que risca, é atrito de vontade.*

[A música diminui fica baixinho como pano de fundo ao longo da primeira fala].

Soraya: Vou começar então perguntando e pedindo pro Henrique nos contar um pouco da história dele, em relação à Maré, em relação a ... a crescer na Maré, o quê que é a Maré, para quem não é do Rio, né?

[Fim da música]

Henrique: Meu nome é Henrique, eu moro na Maré desde os 6 anos de idade. A Maré é uma favela que fica na zona norte do Rio de Janeiro. É uma favela com dezesseis favelas, na verdade, é um complexo: Complexo da Maré, que vivem hoje 140 mil habitantes e fica bem próximo ao centro, na entrada da cidade do Rio, até pra quem vem de fora, que é o lado do Aeroporto Internacional do Rio. E... enfim, é um lugar muito, pra mim é um lugar muito vivo, né. Eu não conheço outros espaços de favela que tenha, por exemplo, a quantidade de equipamento público dentro de uma favela. Que sempre tem essa ideia, né, de que favela é ausente, o Poder Público não tá presente. Mas assim, isso faz parte da luta de vários moradores dos últimos 30 anos. Então a Maré é um lugar com 45 escolas públicas, tem 6 clínicas da família, tem uma presença forte também do Poder Público. Então eu fui crescendo ao longo dos últimos 30 anos na Maré vendo todo esse processo de mudança.

Daniela: Henrique, você toca, né, você é músico. Como que foi ser músico na Maré?

Henrique: Então a Maré é umas das poucas favelas que tem a maioria dos grupos armados que existe aqui no Rio de Janeiro, né? Então tinha uma certa dificuldade de fato de mobilidade dentro da favela, porque tem esse histórico de "Ah, é um lugar violento" se você passa de um lugar pro outro, então, desde que eu era criança eu ouvia essas conversas. A música, na verdade, ela me habilitou porque eu comecei a ultrapassar essas barreiras porque eu ia encontrar os amigos de outros lugares, de outras favelas, ia tocar em outros lugares, então eu acabei conhecendo bastante o território, bastante gente dentro do território da Maré, por conta dessa circulação através da música, que acho que isso que foi um dos principais, uma das principais ferramentas pra eu construir esse reportório da Maré, né, como eu usei pra trabalhar nas pesquisas depois. Dos 140 mil habitantes, é... quase a metade veio do Nordeste ou tem uma origem familiar do... do Nordeste.

Henrique: Primeira coisa: é você ser essa referência nordestina, então como o nordestino era estigmatizado. E também por tá na favela, então essas eram duas coisas. Quando eu ia procurar emprego, dependendo do lugar, eu falava que morava em Bom Sucesso, que é o bairro ao lado da Maré. Então, eu fui crescendo, na verdade, começando a criar uma certa vergonha, como a maioria das pessoas que moram na favela, porque o estigma pra morador de favela é esse: que é um lugar de criminosos. E até hoje, né, tipo um Uber ou um Waze, você não consegue entrar dentro de uma favela, então essa relação ainda continua. É pouco tempo isso. Então cresci nesse lugar, até começar a ter outros, alguns encontros, né, que acho que é [risadas] motivo dessa conversa, pra começar a ter uma percepção um pouco diferente desse meu lugar, que aí acho que, quando eu começo a trabalhar nesse lugar de, de pesquisa, de contribuir nessas pesquisa que a gente vai falar um pouco mais.

Soraya: Tani, e a tua formação, né? Assim, você é de São Paulo mas acabou vindo fazer pesquisa no Rio.

Taniele: É. Eu sou toda formada na UNICAMP, que é a Universidade Estadual de Campinas. É ali que eu começo a fazer um projeto de extensão, relacionado à criança e adolescentes em situação de rua. Esse projeto me fisga, né, de um jeito que, enfim, acaba sendo o tema de todas as minhas pesquisas posteriores, né, tanto no mestrado quanto no doutorado. Eu terminei o doutorado pesquisando, né, uma das regiões, talvez mais conhecidas de consumo de crack no país que é a mal falada, né, e estigmatizada Cracolândia de SP. Terminei essa pesquisa em 2012, um pouco tentando pensar em novas questões, novos temas. Eu fico sabendo, né, de, de várias operações que têm acontecido no Rio de Janeiro, especialmente na Av. Brasil. E venho, é... e enfim, né, cresce esse interesse de fazer pesquisa no Rio de Janeiro, entender o que tava acontecendo no RJ. E qual a diferença, enfim, ou semelhança, né, algumas especificidades dessas grandes capitais, num contexto que era um contexto pré grandes eventos, né, porque foi Copa das confederações, Copa do mundo, Olimpíadas, né? E a cidade do Rio de Janeiro tava toda se reconstruindo pra receber esses grandes eventos, né. Então, é... a temática do crack nesse momento ela era muito central justamente por, por isso, né, porque, tava tendo todo um reordenamento da cidade, esses usuários tavam sendo deslocados de determinados locais, e acabaram, né, que apareceram na cidade muito visíveis na Av. Brasil, né?

Soraya: O quê que são operações?

Taniele: É... as operações naquele momento eram chamados de 'recolhimento compulsório', né. Então o que se falou muito naquele momento é que tinham operações da assistência social e da saúde pra recolher pessoas e usuários de crack e levar pra alguns equipamentos é... da assistência social, bastante longe de uma visibilidade pública, né. Então isso tava acontecendo com muita frequência, né. E enfim, foi denunciado é... muito nos jornais, assim, da época. E por, e por várias, vários setores sociais, né, de mobilização social. E isso, enfim, é o que me mobilizou a chegar no Rio de Janeiro e tentar entender o que tava acontecendo ali.

Soraya: No telefonema preparatório pra esse episódio você mencionou a “guerra às drogas”. Como é que esse assunto, como é que ele se torna um tema pra antropologia?

Taniele: Como antropóloga, né, estudando essas questões, pra mim, sempre me interessou como era a “guerra às drogas” na prática, né? Porque é claro que tem guerra à drogas em todos os lugares, e que se elege, né, a população de favela como alvo privilegiado, mas isso não acontece da mesma forma em todos os lugares. Então o Rio, ele me abriu um mundo, assim, pra justamente perceber essas diferenças que tavam assim, no cachimbo que era usado em São Paulo, no copo d’água que era usado no Rio de Janeiro, né, nas cenas completamente visíveis em São Paulo, nas cenas invisibilizadas no Rio de Janeiro, né? Como é que um tráfico completamente armado, que era algo que eu nunca tinha visto, né, vindo de São Paulo, onde o tráfico não é armado, né, então quer dizer, tem ‘guerra às drogas’ mas ela é muito diferente nos locais, né, e... e isso assim, me fez ver isso na prática, né, e me faz um pouco entender, o que meu trabalho é um pouco tentar ver isso: quais são essas diferenças porque eu acho que é dessas diferenças que a gente entende as complexidades que estão envolvidas, né?

[Entra outro trecho da música, “Inventado”, somente instrumental, um dedilhado de guitarra, som lento de notas graves que começa com volume alto e aos poucos diminui servindo de pano de fundo para as próximas falas].

Soraya: É engraçado que agora que eu tô entendendo uma coisa. Eu entendia, quando vocês falavam de cena de consumo, eu sempre imaginava uma esquina aqui tem um boteco, aí a esquina ali do lado dela, tem, sei lá, uma papelaria, daí tem uma casa de uma senhora, aí nessa esquina tinha uma árvore {risadas} com uma sombra e dois tavam ali e acendia um cachimbo, porque é consumido por cachimbo, com cachimbo, né? Fumando...

Taniele e Henrique: Não, no Rio não!

Soraya: Ah, olha aí!

Taniele: Isso também era uma diferença

Soraya: É que eu li o livro da Tani e tem o cachimbo né.

Taniele: Não, era uma diferença! Não via cachimbos no Rio de Janeiro, tinha muito copinho de água descartável era, era o lugar por excelência em que o crack era consumido.

Daniela: De plástico? [fumado?]

Taniele: De plástico é... em cima do alumínio, né?

Soraya: E era a fumaça que era consumida?

Taniele: É!

Daniela: O que são os barracos, você pode descrever a cena pra quem não sabe como é

Taniele: Como que tava tendo muita visibilidade na Av. Brasil, foi feita uma espécie de acordo, né, entre as associações de moradores, tráfico e os próprios usuários pra que eles adentrassem a Maré pra não chamar muito atenção policial. Então o lugar onde eles ficaram era uma esquina que não é uma esquina propriamente de moradia, lá tem muitos galpões, né, abandonados, mas nessa esquina eles foram construindo aquilo que num primeiro momento eram barracos de madeira e lona preta. Eu lembro muito da sensação das lonas pretas cobrindo, né, a fixação dessas pessoas ali naquele local.

Taniele: Com o tempo e como as pessoas foram ficando mais estruturadas ali, né, ali naquele local já tinham uma construção, né, uma construção de madeira, eles puxaram fios elétricos assim então tinha aparelhos eletrônicos, né, móveis. A casa da Dona Vera tinha vários móveis, era super bonita e o modo como ela conseguia aqueles móveis eu também sempre achei interessante, na pesquisa ela falava, né “Ó, esse radinho eu consegui por causa da nóia de tal pessoa”. Então ela trocava também muito do crack pelos próprios móveis da casa dela, construiu um mini barzinho, onde vendia cigarros e alguns copos, então, ele foi se estruturando e a minha pesquisa era basicamente entender esse processo de estruturação e até quanto tempo as pessoas iam ficar ali, porque eu falava “essa coisa que tá tão provisória, ela continua por quanto tempo?”. Então essa era uma das questões e por isso que a pesquisa levou bastante tempo porque eu queria ver se era possível uma fixação ali, né.

Daniela: E a dona Vera, ela é seu contato lá? Ou...

Henrique: É... na verdade eu comecei um contato que era um... um, um amigo, né, que frequentava essa cena e que me apresentou ela como a pessoa que era liderança, era a “presidenta” [risadas] da cena. Então todo mundo tinha essa relação, com “a mãezona, a mãezona, a mãezona”. E... ela foi o primeiro contato então... que eu expliquei o quê, quê, o quê que a gente ia fazer, eu tive essa conversa prévia antes da Taniele ir, então, não foi chegando de uma vez só, então, teve todo um contato anterior pra uma preparação pra chegada da Taniele. E... ao longo de, do ano, né, de 2014, ela acabou também fazendo parte desse processo de formação que eu falo pra mim pessoalmente de entendimento, até pra eu poder falar sobre o que tava acontecendo ali e de fato ouvir a... ouvir, né, a Vera. Então eu tinha... você via essa relações, por exemplo, de... de dessa conversa ser uma conversa de vizinho, né? Então, ao longo do tempo foi criando uma amizade, então quando eu passava “Cadê a Taniele?”. A gente sempre trocando essas conversas, então tinha questões até pessoais, então foi criando uma relação com ela. A gente assistiu o jogo da Copa do mundo lá, né, na casa dela [risadas], no... E ao longo do tempo, ela se fortalecia cada vez mais porque ela acabava... com a fixação, ela acabava sendo interlocutora com os atores locais, tipo quem chegava, quem não chegava, então ela era de fato a presença mais forte ali. Mas era uma pessoa que realmente foi a que abriu as portas, assim, da casa do... enfim da vida, né, pra gente.

A música de transição para o bloco do Miolo é ainda outro trecho de “Inventados”, continua o dedilhado de guitarras, som lento de notas grave e uma letra recitada por uma voz feminina:

*A vida
é algo único
Sobre o qual nos equilibramos até alcançarmos
sabe-se lá o quê
sabe-se lá por quê
só se sabe quando se chega
e se crê, e se crê.*

A música diminui, fica como pano de fundo ao longo da primeira fala.

MIOLO

Soraya: Então, na narrativa que a Taniele faz da formação dela, ela atribui a um primeiro projeto de extensão o interesse dela pelo tema, né, de uma Antropologia do consumo de drogas. É... isso pode acontecer, por exemplo, com projetos de Iniciação Científica, né um projeto de Iniciação à Docência também mas eu queria só reforçar isso porque as vezes a gente não dá tanta bola pra primeira experiência assim e ela as vezes é determinante de toda sua carreira. Então... pra valorizar esses “projetinhos”, que as vezes nossos alunos usam essa palavra de forma super diminutiva, e eles são às vezes essa porta que se abre pra curiosidade científica, né?

Daniela: Isso, desde esse primeiro projeto na graduação, ela vai criando um grande tema de interesse, que é a tal “guerra às drogas”, que orientou as pesquisas que ela têm feito nos últimos anos. Mas ela vai se desafiando, ampliando as diferentes formas que esse grande tema pode apresentar na prática. Em SP, ela nos contou antes que entrou em campo por meio de uma assistente social da prefeitura que trabalhava na Cracolândia. Pra entrar em campo no RJ, ela primeiro foi conversar com os colegas que estavam pesquisando sobre drogas no Rio. Depois, ela entra em contato com uma ONG grande que vinha atuando na Maré. E, como a gente vai ver no bloco seguinte, foi por meio desse contato que ela conheceu o Henrique.

Soraya: Legal isso, Dani. Cada tema de pesquisa e cada lugar de pesquisa exige que você desenhe um tipo de entrada em campo. Uma entrada que seja possível, que seja produtiva, que não seja, assim, violenta para nenhum dos lados. Nem para os pesquisadores e nem para os interlocutores.

Daniela: A pesquisa da Taniele mostrou a diferença entre as cenas de consumo de crack em SP e no RJ. Na Cracolândia, tinha muita gente indo e vindo o tempo todo. Já na Maré, era um outro cenário, tudo muito mais controlado e vigiado, sempre decidido pelo tráfico quem entra ali, quem pode ficar ali. E, por isso, é tão interessante que a Taniele e o Henrique tenham encontrado um lugar com uma concentração de barracos. Eram 16 barracos, ela nos contou no telefonema que fizemos antes dessa gravação em estúdio. Quer dizer, eram pessoas que ficaram ali, se estabeleceram ali num lugar no qual todo mundo estava, de certa forma, sendo vigiado, mas protegido de uma visibilidade pública que teria, por exemplo, se tivesse continuado na Av. Brasil que é um importante vetor de transporte no Rio.

Soraya: E ela queria entender quem ficaria, quem continuaria ali, naquela cena que eles estavam e como isso seria possível. E, fazendo esse acompanhamento por mais de ano, ela percebeu que, eram sempre as mesmas pessoas. Então, diferente de SP, ali tinha uma fixação, tinha pouquíssima rotatividade. E isso cria outro tipo de relação entre essas pessoas, entre essas pessoas da favela, moradores e pessoas que passavam por ali.

Daniela: Isso. A pesquisa antropológica dela, ao acompanhar e estar ali por tanto tempo, foi percebendo as especificidades desse tipo de consumo de crack dentro de um complexo de favelas. E, no próximo bloco, a gente vai ver que a Antropologia não ofereceu esse aprofundamento da percepção desse cenário somente pra Taniele, mas também ao Henrique. Ele vai nos mostrar como foi mudando de opinião em relação a temática das drogas. Com o processo todo da pesquisa foi ficando cada vez mais explícito o que tá por trás dessa tal “guerra às drogas”, como os moradores e frequentadores da Maré foram atingidos pelas consequências dessa guerra.

Soraya: E a Dona Vera, que eles comentaram agorinha, e a Eliana, que vão comentar já, já, no bloco seguinte são pessoas importantes para que Taniele conheça o Henrique e para que a relação de pesquisa possa acontecer. Reforço, então, como são várias as pessoas que vão nos ajudando a encontrar o melhor jeito de entrar e ficar em campo.

BLOCO 2: Pesquisa como um modo de trabalho

A música de transição para esse Bloco 2, “Corpo a corpo” de Canto Cego, é um som contínuo e intenso de violão, mixagem de som e percussão, uma espécie de pop rock brasileiro, enquanto uma voz feminina canta junto com *backing vocal*:

*Minhas cores só se fazem de outras cores
dentro de mim tantos homens e mulheres
todos juntos dentro de um ser
Todos sonhos dentro de uma voz
Todos juntos dentro de um ser
Todos sonhos dentro de uma voz.*

Música começa alta e vai diminuindo servindo de pano de fundo na fala de Daniela.

Daniela: Henrique, contra pra gente como começou seu trabalho com pesquisa, seu contato com pesquisadores.

[Fim da música]

Henrique: Teve um momento que a cidade do Rio começou a receber muito mais pesquisadores. Acho que tem a ver muito com essa relação de saber que o Rio ia ser a cidade que ia receber a Olimpíada, Copa do mundo, então teve um período muito, muito forte, assim, a presença de... principalmente pesquisadores estrangeiros, e o foco é... acabou sendo a favela. E a Maré, como eu falei, ela tem um lugar muito especial na cidade, assim, pelas lutas coletivas de anos. Então ela tem as organizações do espaço como a Redes da Maré que acaba sendo canal para chegada desses pesquisadores. Conheci uma pesquisadora, né, americana, que foi pra Maré pra morar durante seis meses pra fazer a pesquisa. Aí ela me marcou uma conversa pra querer entender um pouco mais esse lugar a partir do que eu tava falando. E pra mim, eu não entendia que aquele conhecimento, era uma coisa tão importante, assim. Então, a partir daquele momento eu comecei a ter uma percepção diferente do meu lugar e comecei a construir isso ali. Não só... não sozinho, mas foi um processo de construção coletiva, todo mundo que eu tava me relacionando, e a partir daí acho que eu comecei a criar uma rede e de fato entendendo que isso era um modo de trabalho. Então isso foi lá no final, assim, de 2009, 2010, e eu comecei a ampliar essa rede, e essa relação foi, foi aumentando com outros pesquisadores. Então eu cheguei mais ou menos umas 30, 35 participações em pesquisas de outras pessoas, né.

Daniela: Você tinha me contado na nossa conversa que teve uma primeira pesquisadora, acho que foi essa então que você citou agora [foi, foi].

Henrique: A Stefani Savel.

Henrique: Eu tive a sorte de ter uma relação de amizade com a Stefani que eu acabei entendendo um pouco esse processo mas não tinha ainda um filtro pra entender de fato qual era o desejo dessas pessoas na Maré. Mas acabaram aparecendo vários temas focados na violência, né, então isso eu entendi que era o foco principal, né, como se isso tivesse de fato um retorno pra esse pesquisador mais do que pra quem mora na favela.

Soraya: E você acha que isso acabava estigmatizado [é], criando um perfil muito homogêneo, né, [sim, sim] de um morador de uma favela.

Henrique: E acho que isso tinha a ver com esse lugar de como a gente sempre teve colocado, né, pela mídia e por toda a sociedade. Mas eu acho que a pesquisa com a Taniele teve um outro foco porque a maioria dessas pesquisas eram de pouco tempo, né, era uma relação muito "Ah, vou ali colher os dados e vou embora". Eu acho que a relação com a pesquisa com a Taniele, assim como foi com a Stefani, era uma relação de longa duração, era um processo de construção, é... longo, né? Então tinha que ter uma paciência, tinha que ter uma criação de vínculo de fato com o espaço que eu acho que esse era o diferencial, por exemplo, de quem eu entendi que poderia ser uma maneira de eu ser ouvido também. Essa contra-narrativa a partir de pesquisa também. Como eu posso usar isso a favor da favela, ou, enfim, pra poder ser ouvido.

Henrique: mas ao mesmo tempo, é... entendendo que... é, enfim, que lugar era esse, então, pesquisa pra quem? Então, o retorno pra favela. Então comecei a me questionar, ao longo dos anos, porque foi um processo de formação também, entendendo qual é a importância desse lugar, da favela; por que esses pesquisadores tavam indo pra favela? Por que falar de favela? Então acho que foi um processo que eu comecei a construir até uma relação com pesquisadores que tavam chegando de uma maneira de troca

mesmo, assim, e eu tô falando de troca e retorno, né, pra favela, não só pra mim, mas pra favela. Então eu comecei até a escolher a dedo [risadas] quem eu me relacionava [risadas] porque acabava tendo um processo muito de desconfiança mesmo por que qual é o interesse, né?

Soraya: E como você conheceu o Henrique, Taniele? Como foi isso?

Taniele: Começo a tentar pensar em formas de chegar no Rio de Janeiro, né, de como fazer pesquisa no Rio de Janeiro vindo de SP. Conheço a Eliana Sousa Silva que ela é uma das fundadoras, né, talvez a principal fundadora da Redes da Maré, que é uma ONG bastante importante, é... que atua no território da Maré. A Eliana me põe em contato com Henrique, né. Então, era um morador que trabalhava ali na Redes, né, e que já tinha trabalhado em algumas questões relacionadas a populações de situação de rua nessa extensão toda do Complexo da Maré. Então nosso primeiro encontro foi um encontro dentro da instituição Redes da Maré. Aquele encontro um pouco tímido, sem graça, desconfiado. Eu acho que você tinha uma coisa muito forte, assim, né, em relação a desconfiança sobre os pesquisadores. Será que eu seria mais uma dessas pesquisadores que chegaria lá, coletaria alguma coisa e ia embora? Então eu acho que essa desconfiança marcou a nossa primeira relação. Eu leio assim, né.

Henrique: Eu acho que foi uma situação um pouco diferente, porque a pessoa que colocou a gente em contato, foi uma pessoa que é referência pra mim, né, que é a Eliana, então já parte de uma pessoa que eu confio então entendia que eu poderia manter esse contato por conta dessa mediação, de quem foi. Então eu já fui muito à vontade. Eu acho que essa impressão que a Taniele teve de mim é porque realmente eu já tava nesse momento de ainda, já tava começando esse movimento de filtrar de fato, pensando, mesmo sabendo com quem, com quem eu ia conversar, a partir de quem foi a mediação. E quando a gente foi a primeira vez também pra mim tava sendo muito recente, na verdade, porque era pouco tempo que eu tava me relacionando ali nas cenas, né.

Taniele: Mas na minha leitura eu acho que a nossa relação se aproximou mesmo depois que a gente foi pra essa cena de uso pela primeira vez. Eu tenho essa percepção, né. A gente foi num primeiro encontro, tinha algumas barracas de usuários. Ainda não era a conformação que depois veio a ter, né, eram poucas barracas. Era um dia até que tinha chovido, né, tava-tava nublado. E a gente conversou com uma mulher, que nos recebeu é... e nessa conversa eu acho que abriram as portas, né, é, pra pesquisa acontecer. Eu lembro que nessa conversa eu falei claramente, né, que eu não tinha um interesse assim imediato do que aquela pesquisa poderia render em termos de, né, quais eram as minhas questões e até onde eu ia, mas que eu tinha interesse de acompanhar a conformação daquela cena de consumo de crack ali naquela esquina no interior da Maré. E conversando, com essa senhora, eu falei "Olha, a senhora não precisa me falar nada agora, eu sou de São Paulo, eu vou vir muito mais vezes e tal...". Então eu deixei claro que não havia uma pressa, no sentido de quais dados eu colhia naquele momento. E depois eu lembro, e eu escrevi sobre isso no texto que eu tenho sobre essa cena de consumo, é... eu lembro claramente as coisas que o Henrique me falou: que ele tinha gostado do jeito que eu tinha conversado com aquela senhora. Uma porque eu não usava nenhuma palavra que a infantilizasse e outra porque eu não ficava prestando atenção nos olhos dela só pra fazer de conta que eu tava prestando atenção. Eu achei aquilo ótimo porque você tava me analisando, né, e tava vendo como é que eu atuaria frente aquela senhora e, eu acho que isso poderia, não sei, é essa a percepção sua sobre mim, talvez fosse um passaporte pra pesquisa, e pras relações poderem acontecer.

Henrique: É... então foi um momento de muita aprendizagem ali naquele momento porque eu escutei muita coisa que eu nunca tinha ouvido falar. Por mais que eu tinha uma ambientação em relação as cenas e sabia onde que era. É... mais ou menos quem eram as pessoas, mas assim, ouvir falar sobre redução de

danos, outros tipos de tratamento, porque na imaginação da maioria das pessoas é que elas chegam aquela situação de tá numa cena de uso de crack porque usam crack. "Aí não, vou usar pra chegar até aquela situação". Então naquele momento eu tava escutando muito isso, naquele primeiro contato. Então a Taniele veio com todas as informações de uma vez só, [risadas] Eu fiquei realmente com a cabeça muito... enfim, explodindo aquele momento. Então eu falei "não, acho que era pra mim também", eu falei "não, eu quero, eu quero entender mais, eu quero, eu quero saber mais sobre isso" e acho que a Taniele foi muito paciente porque além dela fazer o trabalho ela também teve esse processo de formação também comigo. E a Redes da Maré ainda não fazia um trabalho ainda na cena. Então, é... o trabalho que a gente faz hoje, que é com... que a gente vai falar mais pra frente, que a gente tem uma casa e um espaço de referência, é... começa, pra mim naquele momento, né, que eu tando naquele lugar de entendendo esse espaço de cena de uso de crack como eu entendo hoje, né?

Taniele: E pra mim, assim, o Rio era um território superdesconhecido, né, eu vinha já de ter pesquisado em São Paulo, de tá naquela cena, mas o Rio era desconhecido e eu estava extremamente vulnerável no Rio de Janeiro, tentando fazer essa pesquisa e eu era completamente dependente do Henrique! Então é você quase se colocar numa condição de dependência e confiança, porque envolvia minha própria vida às vezes. Eu precisava, de verdade, do Henrique confiando em mim e eu podendo confiar nele, né, então, eu acho que foi uma relação de pesquisa onde eu também me vi completamente vulnerável, né, e completamente dependente de alguém pra poder fazer, fazer uma pesquisa, então eu, enfim, né, agradeço, eu confiei em você, [risadas] é... né, muita coisa, assim. [tick] Foi legal!

Soraya: Que bonito isso!

Daniela: Como você vê isso, Henrique? Isso que ela acabou de falar: da confiança, da dependência, né

Soraya: Da vulnerabilidade como pesquisadora. Ainda mais pruma feminista. [risadas] Isso é sempre difícil: a gente depender de uma outra pessoa.

Taniele: Muito!

Henrique: É... eu é... eu acho que ao longo do tempo eu também fui aprendendo muito a entender, a ouvir, a entender outros, é... outras perspectivas, né? E eu acho que a forma como a Taniele se colocou naquele momento, eu acho que ficou claro que em algum momento ela dependia, mas eu não via [risadas], não enxergava dessa forma que ela tá falando, dessa dependência. Pelo contrário, acho que chegou um momento que foi tão natural que as relações começarem até a expandir pra tipo amizade [sim] enfim acho que eu não via essa dependência [risadas], na verdade, eu via uma-uma troca muito... muito, muito tranquila. É... enfim acho que é isso, é um processo de construção junto, assim. A gente foi aprendendo muita coisa junto.

Taniele: Assim, quando eu penso desde o começo, sabe, de como foi, eu só tinha você ali, né? E... que bom que deu certo!

Henrique: É, mas depois... aqui, por exemplo, eu tava mandando a foto da gente pra um monte de pessoas que ela conheceu na Maré, entendeu? "Ah, eu tô aqui, a Taniele tá aqui, a Taniele tá aqui!" Aí manda um abraço, manda um beijo. Então é... ver que essa relação ela, ela continua é... é bem legal!

A música de ambientação, ainda “Corpo a corpo”, é um som contínuo e intenso de violão, mixagem de som e percussão, uma espécie de pop rock brasileiro, enquanto uma voz feminina canta junto com *backing vocal*:

Todos sonhos dentro de uma voz

Todos juntos dentro de um ser

Todos sonhos dentro de uma voz.

A música começa alta e vai diminuindo fazendo o *fade out* na primeira fala.

Soraya: Nessa visita que a Taniele veio, hoje, aqui pro Rio, ele aproveitou pra apresentá-la ao Espaço Normal. Então foi a primeira vez que ela foi lá, eu fiquei pensando em aproveitar isso, e ela nos descrever o espaço.

[Fim da música]

Taniele: É... na verdade eu fui chegando na esquina, e vendo o Espaço Normal, né, e fui abrindo um grande sorriso por ver que muito das coisas que a gente foi conversando, né, que eu vinha acompanhando se desdobrar no trabalho do Henrique, no trabalho da Maíra, tava materializado espacialmente, né. Então o Espaço Normal, primeiro ele é roxo, quase lilás. Ele tem um quê de feminino, pra uma situação que é densa, né. E daí tinha um fogão e tinha uma pessoa cozinhando [risadas], tinha sofás... onde a gente sentou, inclusive, pra conversar, tinha banheiros. É... tinha um lugar onde tinha doação de roupas e tinha uma outra salinha, onde as pessoas tavam vendo televisão e vídeo, né? E daí a ideia, era um pouco a materialização disso, né: um espaço que fosse uma convivência, uma... quase uma espécie de uma reprodução daquilo que seria uma casa, né, e... aberto, né, as portas completamente abertas porque a ideia é ser aberto, né, pra, pra quem chegasse, pra quem tivesse precisando. Em determinado momento a comida começou a ser feita, e na hora que eu vi tinha cinquenta pratos [risadas] de arroz e feijão, e as pessoas consumindo, comendo e conversando, e falando, né, sobre, sobre as suas vidas, sobre como é que tava a rua, como é que tava o abrigo, né, é... algumas procurando assistência social, outras procurando advogado. E... assim, né, é... com corpos marcados, né, completamente marcados pelo consumo radical de drogas assim. É... mas com muita vida, né, e com muita coisa acontecendo ali. Eu num... não conheço é... um espaço igual esse, né, em outros locais ainda mais no... eu conheci o Centro de Convivência É de Lei, em São Paulo, mas ele fica no centro de São Paulo. Agora no interior numa área de favelas, completamente aberto, dizendo “Centro de referência de drogas” com o tráfico na esquina, assim, é uma coisa completamente nova, né, e bem legal de ver.

Henrique: O Espaço Normal ele existe há... há um ano e meio, né, quase dois anos.- É como a Taniele falou, tipo, isso dentro de uma favela... a favela de fato você falar e o... ou ouvir falar sobre “redução de danos” é algo muito... enfim, eu nunca tinha ouvido, acho que a maioria das pessoas nunca tinham ouvido. A nossa referência dentro de favela sempre foi a Igreja, era o primeiro lugar falar sobre tratamento era igreja e comunidade terapêutica. Então entrar com um espaço, com uma opção como a do Espaço Normal e fazendo essa conexão com os equipamentos públicos então veio muito forte. Então, a relação com essa rede é fundamental pro, pro Espaço Normal também acontecer.

Daniela: Conta por que o nome?

Henrique: O nome, enfim, Espaço Normal é... assim que a gente tava fazendo a obra da casa, a casa fica na Nova Holanda, que é uma das favelas da... da Maré. Uma dessas cenas, que é a cena, no caso, que eu

e Taniele trabalhamos e que foi o foco inicial do trabalho da Redes da Maré, ela é perto da divisa de dois grupos armados e era um lugar de muito conflito. Então acho que até por isso, eles também ficam naquela área, entendeu? Porque é um lugar que ninguém vai questionar, então eles ficam numa área mais tensa. E houve uma troca de tiros e uma pessoa que é o Carlos Roberto, que o apelido dele era Normal, ele recebeu um tiro, né, de bala perdida e faleceu. O Normal, ele era, assim como a Vera, ele era uma referência naquela cena. Então era... então todo mundo tinha um carinho muito grande por ele, e tava num período que a gente tava pra inaugurar a casa, e pensando um nome... então todo mundo da cena falou "Ó, vamo colocar o nome do Normal". E acho que colocar isso não só pra falar do Normal, do Carlos Roberto mas também de todas as pessoas também que são vítimas, dessa dinâmica de violência, e... foi daí que surgiu. Aí acaba sendo essa ideia de normalidade, como acabou de falar "espaço normal é pra pessoas normais?" [risadas] Então, sempre tem essa pergunta, né? E... é, é isso!

[risadas] Daniela: O nome é muito bom!

FECHAMENTO

Ainda "Corpo a corpo" serve agora como música do bloco de Fechamento. O som contínuo e intenso de violão, mixagem de som e percussão, uma espécie de pop rock brasileiro, enquanto uma voz feminina canta junto com *backing vocal*:

*Minha história continua outras histórias
as chegadas se transformam em partidas
e as ideias derrubam velhos valores
renovando a consciência coletiva
Todos sonhos dentro de uma voz
Todos juntos dentro de um ser
Todos sonhos dentro de uma voz.*

A música começa alta e vai diminuindo em *fade out*.

Soraya: É muito interessante a diferença de percepção dos dois sobre o lugar da dependência da antropóloga em relação ao interlocutor, ao parceiro de campo. É... o Henrique me pareceu um pouco... [acho que] surpresa!

[Fim da música]

Daniela: Acho que ele não tinha se dado conta, né [risadas].

Soraya: Então, assim, é interessante! [interessante mesmo] Porque pode ter a ver com ela ter colocado uma, é... ter se colocada de uma forma muito forte, de muito segura, às vezes também de...com muita experiência de pesquisa, e ele ter visto mais isso, do que por exemplo o medo, em campo, né. O medo inclusive do não conhecer aquele tipo de cena, aquela cidade, né, aquele tipo de favela. Então esse é um tema pouco falado, eu acho, na pesquisa antropológica que é o medo que a gente tem de tantas coisas absolutamente desconhecidos, quando a gente chega primeiro em campo. Eu acho que a antropologia, em geral, ela constrói desde os seus primórdios um lugar muito heroico, de que "eu fui, fiz, entendi, volto, escrevo, publico e tenho uma carreira". Então, é uma narrativa muito redentorista, eu acho. E... e ao contrário, acho que os nossos episódios têm mostrado uma... como temos diferentes tipos de emoção

em campo. Antes do campo, quando a gente entra quando a gente sai. E eu acho... achei muito interessante isso!

Daniela: Tem essa coisa nesse caso deles, né, de ela ser uma pesquisadora paulista, branca, né, chegando no Rio de Janeiro, e ele ser um morador negro da favela, da Maré, né, que... que encontra essa pessoa, né? Então eu acho... eu achei engraçado ele ter tido esse choque de realidade dessa insegurança dela e acho que tem a ver com essa diferença também, né, essa percepção de que é... de que a branquitude, de certa forma, facilita o trânsito, né. Talvez ele tenha partido um pouco dessa imagem, né, de que pra ela fosse talvez mais fácil por isso, né, não sei...

Soraya: Ele fala uma coisa que é muito recorrente, que a pessoa que te indica, se você tem uma relação de confiança com aquela pessoa inicial, essa confiança é em alguma medida transferida pra esse pesquisador que tá chegando [isso] Isso é muito interessante, como as relações de confiança iniciam muitas vezes uma relação de pesquisa e as vezes, né, a gente espera que se adensem e que aumentem essa relação de confiança. O Henrique se colocando nesse lugar tão interessante de preparar o campo antes da chegada dela, né?

Daniela: Que é uma transferência também [também!] que ele faz com a dona Vera, né? Ele vai lá, ele negocia, aí ele transfere essa confiança que ele conquistou com a dona Vera pra Taniele entrar... entrar em campo com ele, né?

Soraya: Exatamente, né? Então ele vai falar com as pessoas antes dela chegar, vai, na verdade, sentir se essas pessoas tão topando, né, se há algum nível de abertura. E... isso é superinteressante, e ao mesmo tempo na conversa preparatória ele falou, sobre como ele tava tentando o tempo inteiro achar maneiras de a presença dessa antropóloga não fazer com que os moradores se sentissem desconfortáveis, e então isso tem tudo a ver com essa trajetória dele, a trajetória dele de cada vez mais crítico em relação a presença da pesquisa, e não queria mais encontros em que os moradores se sentissem invadidos, se sentissem aviltados, explorados, tendo seu tempo tomado, por exemplo.

Daniela: Eu fiquei pensando agora, você falando que, na verdade, o Henrique opera como um Comitê de ética, que não precisa daquela formalização porque tá lá também, negociando um a um é... esses pertencimentos possíveis, né, das pesquisas nesses territórios.

Soraya: E os consentimentos necessários pra, né, isso acontecer. Eu acho uma conclusão excelente, acho que é bem isso mesmo! E também é uma coisa que muitos antropólogos tem alegado, né, na relação com os Comitês de Ética. A antropologia, pela sua própria natureza tem dificuldade de antever todas as relações que vão acontecer e todas as mediações necessárias pra essas relações acontecerem. A gente não consegue apresentar isso prum Comitê de Ética, né, porque tudo depende de como as pessoas vão nos ver, vão nos perceber, né, vão nos permitir ficar e isso é tudo, né pouco a pouco desenvolvido.

Daniela: E negociado na hora também, né? De...

Soraya: Ou ao longo do tempo [Daniela: Ao longo do tempo].

Daniela: Com várias pessoas, né?

Soraya: Então a antropologia entende historicamente, com muita clareza, a importância, da avaliação ética da ciência, isso é muito importante, sem dúvida! Mas às vezes a gente se sente passando cheques

em branco prum Comitê de Ética, e não conseguindo honrar depois, porque a pesquisa segue os seus rumos próprios.

Daniela: E eu queria comentar uma última coisa sobre esse episódio. Se o RJ, a Maré, a Eliana das Redes, a Dona Vera, o Normal e, principalmente, o Henrique ajudaram a formar a Taniele, ajudaram a ensiná-la sobre o crack na cena carioca, ela também ajudou a formar o Henrique, né? O trabalho dele hoje é gerir uma casa de usuários dentro da Maré e isso é possível também por conta da parceria entre os dois. Ele conhecia as cenas de uso, conhecia as pessoas envolvidas. Mas talvez isso tudo não tivesse virado o mote do trabalho dele se ele não tivesse participado da pesquisa junto com a Taniele. Hoje o Henrique trabalha diretamente nisso, tá associado a vários movimentos do Rio de Janeiro que problematizam a “guerra às drogas”, que batalham pela redução de danos, pela frente anti-proibicionista.

Soraya: Isso mesmo. Ele chegou a nos contar que, no início, achava que quem usava crack tinha que parar e pronto. Não tinha outro tipo de tratamento, de abordagem, de tratamento, nada disso. E hoje, no Espaço Normal, ele trabalha justamente como redutor de danos.

Daniela: Então, eu acho muito interessante como participar de uma pesquisa pode abrir todo um conjunto de reflexões sobre o lugar dele, como morador de uma favela. E também sobre a própria comunidade dele e as relações de troca e retorno para a própria comunidade dele. E ainda pode abrir todo leque de possibilidades de pesquisa, viagens, trabalhos... A gente não tem nenhum caso assim nos episódios anteriores do Mundaréu, em que a relação com uma antropóloga tenha gerado esse tipo de coisa.

Entra a música do Mundaréu, “Quem canta” de Danú e Tatá, uma música alegre, estilo samba MPB e com som dedilhado de instrumentos de corda com percussão. Começa com volume alto e acompanha todo esse bloco de Fechamento.

Daniela: Esse foi o sexto episódio do Mundaréu. Queremos agradecer, especialmente, aos nossos dois convidados, a Taniele, que foi de Campinas até o Rio nos encontrar, e o Henrique, que estava acabando de chegar dos EUA e topou passar essas horas conosco. Também ao Danny Dee, que nos assessorou super bem dentro do Estúdio Rastro, e à querida Clarice Rios que nos hospedou e nos alimentou com mimos pernambucanos enquanto estivemos lá.

Soraya: Esse episódio foi produzido por nós duas e com o apoio direto de Vinicius Fonseca, Julia Couto, Milena Peres, Bruno Campelo e Lucas Carrasco. Somos gratas aos financiadores de nossas bolsas de produtividade e bolsas de iniciação científica e extensão: CNPq, UnB, Unicamp e FAPESP.

Daniela: Para conhecer mais do trabalho de Taniele e Henrique e sobre as músicas do Canto Cego, uma banda lá do Complexo da Maré e da dupla Tatá e Danú, que é de Brasília, consultem os materiais extras em nossa página: mundareu.labjor.unicamp.br ou na descrição do episódio no seu tocador. Siga nossas redes, estamos no instagram e no facebook: @mundareupodcast Até mais!

Soraya: Os impactos do COVID-19 nas comunidades de favela tem sido imenso. Se você quer ajudar a Maré, tem uma campanha muito bacana e muito bem organizado na ONG que o Henrique trabalha. Na página deles você encontra como doar bem facilmente: www.redesdamare.org.br.

Daniela: Conta pra gente o que você tem achado dos nossos episódios. Até mais!

Soraya: É isso pessoal, valeu! Até a próxima!

EXPEDIENTE

Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer.

Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Julia Couto, Vinicius Fonseca, Lucas Linardi Carrasco e Bruno Campelo.

Gravação: Danny Dee (Estúdio Rastro/RJ)

Transcrição das entrevistas: Bruno Campelo e Julia Couto.

Montagem e edição do roteiro: Soraya Fleischer e Daniela Manica.

Montagem e edição do episódio: Vinicius Fonseca, Lucas Linardi Carrasco, Bruno Campelo e Daniela Manica.

Autorizações para as músicas: Lucas Linardi Carrasco e Soraya Fleischer.

Conteúdo do sítio eletrônico: Soraya Fleischer, Daniela Manica e Bruno Campelo.

Divulgação: Milena Peres e Julia Couto.

Transcrição e audiodescrição do episódio 6: Hugo Virgílio de Oliveira

Agradecimentos: Clarice Rios, Danny Dee, Roberta Dittz e Canto Cego.

MAIS INFORMAÇÕES

- A citação acima vem desse artigo: RUI, Taniele. “Da deriva pela Av. Brasil à fixação numa esquina na Maré: usuários de crack refugiados da ‘pacificação’”. In: Juliana Farias, Lia Rocha, Márcia Leite e Monique Carvalho (orgs.). *A militarização do Rio de Janeiro: Da pacificação à intervenção*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018. : <https://morula.com.br/produto/militarizacao-no-rio-de-janeiro/>
- Currículo lattes da Taniele Cristina Rui: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4774050Z0>
- Henrique Gomes trabalha na Redes de Desenvolvimento da Maré, “uma instituição da sociedade civil, é resultado de um longo processo de implicação dos seus fundadores com o movimento comunitário no conjunto de favelas da Maré e, também, na cidade do Rio de Janeiro”: <http://redesdamare.org.br/br/quemsomos/apresentacao>
- O Espaço Normal foi inaugurado em maio de 2018 como o primeiro espaço de referência sobre drogas em um território de favela: <http://redesdamare.org.br/br/info/14/espaco-normal>
- “Inventado”(<https://www.youtube.com/watch?v=q2IPSNUxvSA>) e “Corpo a corpo”(<https://www.youtube.com/watch?v=zGUb-TZp1Bs>) do Canto Cego (<https://www.cantocego.com/>), uma banda do Complexo da Maré. A frase do título desse episódio, “Ideias derrubam velhos valores”, compõe uma das estrofes da segunda música.
- “Quem canta” de Danú e Tatá, uma dupla de cantoras de Brasília que embala sempre o Mundaréu! (<http://www.oleve.com.br/quem-canta/>)